

Chão de ferro

Pedro Nava

POEMAS

Alphonsus de Guimaraens Filho
Fernando da Rocha Peres

APRESENTAÇÃO

André Botelho

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright @ 2012 by Paulo Penido / Ateliê Editorial
Publicado sob licença de Ateliê Editorial.
Estrada da Aldeia de Carapicuíba, 897, Cotia, SP — 06709-300
Copyright da apresentação © André Botelho

Todos os direitos reservados

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa e projeto gráfico
Elisa v. Randon

Imagen de capa
Obra sem título de Marina Rheingantz, lápis de cor sobre papel, 14,8 x 21 cm.

Imagen de quarta capa
Fundação Casa de Rui Barbosa / Arquivo Museu de Literatura Brasileira.
Reprodução de Ailton Alexandre da Silva

Pesquisa iconográfica
André Botelho
André Bittencourt

Imagens do Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa / Arquivo Museu de Literatura Brasileira.
Reprodução de Ailton Alexandre da Silva

Preparação
Jacob Lebentsztayn

Índice onomástico
Luciano Marchiori

Revisão
Jane Pessoa
Huendel Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Nava, Pedro, 1903-1984.
Chão de ferro / Pedro Nava ; apresentação André Botelho ;
1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2012.

ISBN 978-85-359-2155-7

1. Autores brasileiros — Século 20 — Biografia 2. Nava, Pedro,
1903-1984 1. Botelho, André. II. Título.

12-09800

CDD-869.8

Índice para catálogo sistemático:

1. Autores brasileiros : Biografia 869.8

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiasdasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

1. Campo de São Cristóvão

J'ai plus de souvenirs que si j'avais mille ans.

CHARLES BAUDELAIRE, "Spleen" — LXXVI

OS REGIMENTOS MANDAVAM QUE AS AULAS do Colégio Pedro II começassem no primeiro dia útil de abril e que o período letivo durasse até 15 de novembro. O ano escolar seria assim de sete meses e meio mas, pelo menos, mês e meio eram roubados pela velha madraçaria nacional. A primeira quinzena era compasso de espera, para a chegada de todos os alunos e para os professores tomarem pé depois do sossego das férias. Vinham, em seguida, as ditas de junho que não eram em junho e sim duas semanas de vadiação em julho. Finalmente, de 1 a 15 de novembro, havia *parede* para preparação dos exames finais que começavam com a abertura de dezembro. Os quatro bimestres de aula reduziam-se, na realidade, a três e era assim, sistematicamente, não cumprido o decreto em que o ministro Carlos Maximiliano regulara nosso tempo de trabalho.

Nas primeiras horas da segunda-feira em que iam começar nossas aulas, eu e os outros alunos gratuitos fomos conduzidos à biblioteca do colégio para o ceremonial de receber livros e material didático que o colégio nos fornecia. Os estupendos cadernos com o nome da institui-

ção na capa, encimado pelas Armas da República. Pertence ao aluno... Lápis, borracha, compassos, esquadros, régua, caneta, penas Mallat. Os livros, o despotismo dos livros. Os dicionários. O de português. O de francês-português-português-francês, o latim-português e vice-versa. As gramáticas de Halbout, João Ribeiro e Clintoock. As fábulas de La Fontaine, os contos de Perrault, outro livro de leitura francesa, parece que o de Toutet, não lembro bem, mas onde, certo, estavam as histórias do menino exemplar (*Le soleil vient de se lever et le petit Paul est déjà debout, un arrosoir à la main*) e do menino gabarola (*Moi je suis brave — disait Martial — quand je serai grand j'irai à la guerre et je serai général*). A Geografia de Lacerda e Novais complementada pelo soberbo *Atlas de Cosselin-Delamarche*. A *Epitome historiae sacrae* e o *Phaedri fabulae*. A minha adorada *Antologia nacional* de Fausto Barreto e Carlos de Laet e aquela coisa épica, fantástica e eterna — *Os lusíadas* do nosso Luís Vaz no volume atochadinho e encourado do Chardron. No segundo e terceiro anos esses livros seriam acrescidos de outros de João Ribeiro, de Ruch, das *Beautés de Chateaubriand*, do *Théâtre classique*, da *Corografia de Veiga Cabral*, da *Aritmética* e da *Álgebra* de Thiré e das toneladas de latim exigidas pelo Badaró: as *Orações* de Cícero, as *Odes* de Horácio, as *Bucólicas*, as *Geórgicas*, a *Eneida* e além de Virgílio — o *De viris illustribus urbis Romae* de Llomond e Caio Júlio César no *Commentarii de bello gallico*.

Quem nos entregava essas chaves das Humanidades, quem nos armava assim cavaleiros, era o dr. Elpídio Maria da Trindade, bacharel em direito, bibliotecário do internato do Colégio Pedro II, tratado jamais pelo seu nome, mas sempre pelas duas alcunhas por que era conhecido. O *Caxinguelê*. O *Bagre*. Ambos apelidos vinham de seu prognatismo inferior e da saliência que faziam os incisivos de baixo (lá nele), no meio das guias do bigode, dando-lhe, para uns, a aparência do *papa-coco* e, para outros, do peixe jurupiranga. Completavam suas características a magreza, os cabelos cortados rente, os dois fundos de garrafa dos óculos de míope. Era bem moreno, muito pequenino de estatura e imitava os trajes do conselheiro Rui Barbosa: fraque cinza-claro, colarinho em pé, gravata de fustão branco. Muito delicado, falava meio esganiçado e foi com essa voz de taquara rachada que nos recomendou tratar bem os livros. Não riscá-los, não sujá-los, não fazer marca dobrando o canto da página, não arreganhá-los demais para não rebentar a costura dos cadernos. Lembrássemos que aqueles volumes eram nossos

e não eram nossos. Sim, porque eram de empréstimo e tinham de ser entregues no melhor estado possível aos alunos que nos sucedessem nessa posse provisória. Aprendi do nosso Caxinguelê (depois do Rose, no Anglo) como tratar os livros. Mesmo os que vim adquirindo pela vida em fora e que são meus e não são meus. Considero-os também empréstimo, porque frágeis como são assim só de papel, papelão e linha e cola — vão durar mais do que eu. Depois da distribuição o nosso dr. Trindade fez as honras da biblioteca. Mostrou as preciosidades que tinha. A camiliana, a camoniana. Romances e gramáticas, geografias e poemas. As matemáticas, a história, as obras de filosofia e a joia suprema: uma edição do *Don Quijote de la Mancha* impressa no século XVIII, as três partes completas — a primeira e segunda cervantinas e mais a apócrifa, do Avellaneda. Quando tivéssemos uma vaga ou quiséssemos sacrificar o recreio — continuava o Trindade — podíamos vir, beber e aproveitar. Voltei, bebi e aproveitei. Hoje ninguém mais poderá fazê-lo: esses livros, suas estantes de pau preto, a sala da frente em que eles ficavam, o prédio do internato, tudo ardeu em 1961 (inclusive os clássicos legados por Francisco Pinheiro Guimarães Filho em sinal de reconhecimento à instituição de que fora aluno gratuito). Teríamos ficado o dia inteiro no Trindade se o seu Menezes não atalhasse nossas conversas explicando que eram as horas do almoço. Realmente faltavam dez para as nove. Corremos e formamos para entrar no refeitório.

A sala de refeições do internato, peça vasta e clara, era separada do saguão central e dum pequeno corredor que dava no recreio dos menores por parede cega onde se abria porta *vis-à-vis* da que ia em direção à passagem que terminava na saída para o pátio dos maiores. A da parede do fundo, para a ucharia do Seixas, que servia também de refeitório para os inspetores e professores. Os outros dois muros eram cheios de janelas e mais portas transponíveis ao dia, à noite, aos ruídos do vento e ao marulhar urbano do bairro de São Cristóvão. Eram pintados de um verde-gaio a que a luz dava profundidades e agilidades aquáticas. Dum lado, enorme relógio-armário. Do outro, a reprodução da *Ceia de Leonardo*, sob a qual instalava-se o Quintino, à hora das refeições. Quatro mesas imensas de mármore branco. Bancos sem encosto, aos lados, para os alunos. Cadeiras, nos extremos: uma para o inspetor da divisão

e a segunda outorgada ao *cabeceira*, isto é, a um aluno escolhido entre os de comportamento exemplar, entre os graduados do batalhão escolar, ou entre os puxa-sacos mais eméritos. Éramos servidos à francesa, dois garçons para cada mesa, camisa branca, calça branca, avental branco — tudo rigorosamente lavado e engomado. Na sua maioria portugueses e é por isto que aquilo tudo luzia e vivia escarolado e polido assim. Tinham cara uniforme, o mesmo queixo azulado, o mesmo topete, a mesma pele mediterrânea e o sotaque. Eles se me confundem na memória como tipo único. Separo apenas dois, sem lhes lembrar os nomes — que só me acodem suas alcunhas. Um era alto, descarnado, ar langue de poeta (vai ver, poeta mesmo, como o seu colega Korriscozzo, de *Êca de Queirós*) — era o *Mandioca*. O outro, sua antítese, baixote e retaco era conhecido por *Batatinha*. Ficaram famosas a celeuma e a briga que tivera com outro empregado que lhe dera um tiro na boca. A bala levara os dois incisivos centrais do maxilar inferior e quando ele ria (o que era frequente), mostrava dentro dum quadradinho claro a ponta da língua saudável e vermelha. Bulha de empregados de colégio, tiro, ciúmes de uma criada do *Quintino*... *Tudinho* como no *Ateneu* de mestre *Pompeia*.

Nas priscas eras dos meninos pobres de São Pedro e de São Joaquim a comida da casa não era lá grande coisa. Os cronistas registraram menus coloniais tornados famosos pela má qualidade. Havia certa carne ensopada conhecida como *serra-bode*; havia a assada, dita a *esbofeteada*; um camarão com arroz chamado *ponto e vírgula* e uma triste canjica denominada *lágrimas de Caim*. Já nos tempos imperiais tudo melhora e Vieira Fazenda recorda as feijoadas das quintas-feiras, os picadinhos com batata e azeitona dos sábados e o *cozido suculento* servido nos dominigos sem saída (estas eram quinzenais, no internato do século passado). No meu tempo, a boia era excelente. Lembro com saudade (sempre partilhada por Aluísio Azevedo, Paiva Gonçalves e Florentino Sampaio Viana) o arroz solto, macio, lépido e dourado de nossos almoços, arroz base, alicerce, arroz fundo musical para o picadinho ou o bife de panela com quiabo, ou batata, ou cenoura, sempre com azeitona, sempre aviado pelo pimentão; para os bolinhos de bacalhau escorrendo banha, para as postas de peixe frito, para os grelhados com as rodelinhas de cebola ainda cruas dum lado e já torradas do outro. Pois foi um destes pratos que engolimos às pressas, mastigando mal-mal, na expectativa das aulas que iam começar às dez horas. A primeira era a de José Júlio

da Silva Ramos, pernambucano, formado em Coimbra, filólogo, escritor e poeta, um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, professor de português do Colégio Pedro II, nomeado, depois de concursado, a 31 de agosto de 1903. Tinha sessenta e três anos quando foi nosso mestre, mas parecia a mim e aos meus companheiros mais que octogenário, nonagenário ou centenário — pela cifose que lhe encurvava a espinha, pela brancura imaculada dos cabelos e dos bigodes bem tratados. A pele lisa e rosada, os olhos preciosos cintilando como pedras azuladas dentro da vitrine do pincenê, as mãos de prelado — faziam do nosso Raminhos um lindo velho. Vestia-se com grande apuro, casimiras finas cujo blau ou cinza-claros combinavam com a prata da cabeça e trazia sempre a lapela florida por cravo escarlate. Quando passava nos corredores do colégio deixava um rastro violeta e lavanda — da brilhantina, dos talcos e das águas-de-colônia com que se encharcava.

À hora aprazada Silva Ramos entrou numa sala comovida e dirigiu-se à mesa. Nós, de pé. Quando ele sentou, sentamos. Sorriu para os alunos mostrando prótese refulcente — como paliçada só de incisivos. Achei que ele era a cara de tia Joaninha. Logo o quis mais por essa semelhança, porque bem já lhe queria, depois da nota escandalosa do meu exame de admissão. Consignou a matéria da aula e assinou o nome num livrinho especial de capa azul. Fez um pequeno exórdio sobre nossa língua, sua beleza, sua ilustre filiação latina. Explicou as razões por que adotara o sotaque lusitano, desde que passara em Coimbra, pois só ele fazia valer a música das palavras, das sílabas, de cada letra. E anunciou-nos que a ortografia que íamos aprender era a fonética. *Funét'câ*, dizia ele. Abriu a lista de chamada e nossos nomes passaram inteiros, um por um, cantados como letra de fado. Estávamos todos, cinquenta e sete, os alunos presentes, na ordem alfabética, do A ao W — de Aguinaldo Teixeira da Costa Braga a Waldemar de Carvalho. Depois ele correu novamente a lista e chamou ao acaso (acaso?). Era eu. Levantei-me aos bordos, fui me chegando e apoiei à mesa minhas mãos vazias. Não, *móm'nino*, volte e vá buscar o Camões. Trouxe. Abra em qualquer lugar. Abri o voluminho um pouco antes do meio. Leia. Então eu li de jeito fraco e temeroso que já cinco sóis eram passados. Eis senão quando espécie de compasso heroico vai me penetrando, se me difundindo no sangue — vinho generoso! — e mais firme pude prosseguir. Num falsete que queria se canorizar, soltei que dali nos partíramos cortando os mares nunca doutrem navegados. Súbi-

to, foi como se onda alta me levasse e de peito enfunado enfrentei minha classe, cantando com voz cheia e sonorosa — prosperamente os ventos assoprando... Nota dez. O favoritismo continuava.

Que coisa deleitosa a descoberta da Língua, ouvindo falar e ouvindo o jeito como o nosso *Raminhos* dava vida a cada palavra verbo vivo. Ele pegava-as em estado de brutas, como saíam do dicionário e só de pronunciá-las calcando numa sílaba, tornando esta mais alta, aquela mais ondeada — como que as lapidava para a joia do período precioso. Ele dizia cada uma como se fosse anatomista mostrando seus segredos mais íntimos, cada parte do seu organismo, sua força de fibra e músculo, sua estrutura e esqueleto, o mistério palpitante do seu bojo visceral. Escalpelava-as. Virava-as ao avesso. Nos mostrava o vaivém dos mais lindos palíndromos. Luz azul. Anilina. Amada dama. Eu exultava, pensando no seu *Surerus*, de Juiz de Fora. Comecei a colecionar (como a selos) palavras que além do sentido intrínseco adquiriam outra conforme a hora, o dia, nossa disposição. Palavras mágicas de letras caleidoscópicas. Bojador. Semáfora. O nome *Séfora* gritado no Bósforo. Candelária — que verbete orgulhoso em português! — tem de luz e de sonoridade. Irmandade da Candelária, sua igreja de sinos candelários repicando ál acres bodas batizados missas dominicais (em francês é *chandeleur* e perde sua luz de velas mas logo ganha em perfume florflores — *chandeleur*). Palavras enigmáticas sugeridas arbitrariamente por cara que não se conhece, por gestos de gente, jeito de bicho, gazeio de andorinha, asa no ar. E o prodígio que eram os *SS*, os *CC* e os *ÇÇ* do nosso mestre. Cada um de uma qualidade e sibilando diferente em messe, scelerado, scena, exceto, sólio, século, presunção, corrupção, centro, centeio, convicção, occipital... E que homem bom! Como auxiliava! os mais aflitos como o Álvaro Tolentino Borges Dias, que lia o Camões corando, corando, corando cada vez mais, até a testa, até o branco dos olhos. Como perdoava! como o fez certo dia ao Eurico Mendes dos Santos que ameaçava suicídio depois de zero mais que merecido (É que havia a lenda de aluno que se matara, desesperado com nota má. História sempre contada como tendo se passado, sabe? há dez ou doze anos. Na realidade o caso era verdadeiro, mas sucedera nos tempos seminários dos meninos de São Pedro e São Joaquim). E como estimulava os que liam bem, como no dia inesquecível em que Edgard Magalhães Gomes declamou, com voz cava e adejos de mão, trecho retumbante de

Eurico, o presbítero. (Quem vê hoje a magreza e a cabeleira conservada de Magalhães Gomes não pode imaginar o menino gordo que ele foi e o coco raspado a zero que lhe fez granjear no internato o apelido de *Careca*.) Pois quando vimos o jeito de ator com que nosso colega dizia a página de Herculano, rompemos num arrasta-pé e numa besourada só contidos pela indignação do Silva Ramos. Que têm os senhores? Em vez de patear deviam aplaudir o mancebo que lê tão bem. Ora iésssa! Logo, opinião virada, íamos romper em palmas, quando fomos medusados por um repentino Quintino consubstanciado à porta da sala.

Foi uma pena que alguns de nós, eu também, não acompanhássemos o *Raminhos* curso afora, enquanto durasse sua matéria. Nossas turmas eram muito grandes e logo depois foram divididas em *efetiva* e *suplementar*. A primeira ficava com o catedrático e a segunda com substituto. Eu fui primeiranista efetivo, mas segundo e terceiranista suplementar. Assim, em 1917, tive Português com Álvaro Maia e em 1918, com Augusto Guilherme Meschick — o famoso professor da cadeira de alemão. Álvaro Maia era um clássico. Nadava de braçada em Viterbo, Frei Luís de Souza e Gil Vicente. Às vezes arranjava suas frases com balda de cancioneiro — *ay elle coitado!* que queria que se dissesse e escrevesse — ele é como *elle he*, inverno com H porque vinha de *hybernus* e mais *hyacintho*, *hippogrypho*, *asthma*, *phthysica* e que tratássemos de esquecer, sob pena de nota zero!, a patacoada fonética do dr. Silva Ramos. O nosso Álvaro Maia era uma figura impressionante. Os cabelos lisos de brilhantina, abertos ao meio, pareciam não colados, mas pintados a pincel na bola do seu crânio de charão — enorme como aquelas cabeças-múndi que o Seth arrumava para o Matias e a Virgulina. Só que estas se inseriam no corpo por talo fino como o de laranja, enquanto o pescoço do nosso mestre era cilindro com base igual às do tronco e da cabeça. Assim, desse jeito, seus braços pareciam pendurados nas orelhas. Mal comparando, lembrava os mascarados dos filmes que mostravam aquela sem-graceira dos desfiles do carnaval de Nice. Estatura pequena, porque o corpo era de criança. Mas o mais extraordinário era o jeito como ele terminava. Seus pés, sem curva de concavidade interna e sem o arqueamento do dorso, saíam das pernas, em ângulo reto, fazendo um L. Eram finos, mas dum comprimento desmesurado. Daí, não sei por quê, seu apelido de *Pé de Boi*. Nossa diversão, em aula, era aproveitar-lhe as distrações e ir, de gatinhas, até o estrado e riscar marca de giz atrás

do salto de suas botinas e na frente da biqueira. Medíamos: trinta e dois centímetros de proa a popa! Fazíamos isto quando ele entrava em transe e começava a declamar *El-Rey d. Sancho I, Joan Vaasques, Martim de Padroselos ou Pero Eanes Solaz*.

Muito defejei amigo,
lelia doura,
que vos teveffe comigo,
edoí lelia doura.

Muito defejei amado,
lelia doura,
que vos teveffe a meu lado
edoí lelia doura.

O nosso Pé de Boi mugia as trovas arcaicas dum jeito cilíndrico em que todas as vogais levavam circunflexo e em que as palavras iam se colando umas nas outras, iguais e adesivas como uma tira de esparadrapo — *âidêlicôitâd! lâirânâsbârcasmigo...* Parecia uma mistura de língua do P e francês errado e só pegamos bem quando tivemos de colega entendido a explicação que nosso professor estava falando galaico. Estaria? Que beleza de língua! Mas o enlevo durou só um período letivo porque em 1918 a cadeira de Português do terceiro ano suplementar foi entregue a mestre Meschick. Augusto Guilherme Meschick era catedrático de alemão, mas, como João Ribeiro, um dos raros professores que podiam ser apanhados de supetão para reger qualquer das humanidades do nosso curso. Era homem alto, claro, cabelos escuros, cheio de corpo e duma respeitabilidade que gerava silêncio de igreja e atenção incomum para tudo que ele dizia. Nas suas aulas ouvia-se o voar das moscas. Contavam dele que, menino pobre, revelara tantos méritos e tamanha precocidade no latim, que seu curso no imperial colégio fora custeado pelo *bolsinho* do próprio d. Pedro II. Pois logo no primeiro dia de aulas o Meschick nos sabatinou e ficou indignado. Nada disto, nada disto, tratem de esquecer a fonética do dr. Silva Ramos e as lérias clássicas do dr. Álvaro Maia sob pena de zero em aplicação e zero em comportamento. Estremecemos porque o doble zero era senha passada ao Quintino para privação de saída completa. Ele ia nos ensinar o português de toda gente, o

português de Machado de Assis, de José de Alencar, de Gonçalves Dias e Odorico Mendes. Ora! pironhas...

Entre aula e outra, tínhamos às vezes o que se se chamava hora vaga. Era quando se aproveitava para uma revisão da matéria, um retoque nas colas, leitura de romances ou de livrinhos de safadeza, para banzar, sonhar, olhar as caras uns dos outros ou tomar conta do terreno (como cachorro com a mijadinha que é sua marca), gravando a canivete nas carteiras — estrelas de Davi, de Salomão, grelhas, círculos, cruzes, triângulos; hexágonos nucleados, como células; nossas iniciais ou nome inteiro. Foi depois de uma destas vagas que travamos conhecimento com o nosso professor de geografia. Era o gaúcho Luís Cândido Paranhos de Macedo — figura mitológica do colégio. Fora aluno na Chácara do Mata e tinha orgulho de dizer que nunca saíra do Pedro II. Mal se bacharelara, fora seu inspetor; logo depois, professor. Era vice-reitor em 1888 e foi o primeiro diretor nomeado pelo regime republicano. Conhecia Casa e Pessoal de fio a pavio e as baldas dos alunos de cor e salteado. Quando vinham com milho ele mostrava o fubá. Seu aspecto era formidando e olhá-lo era como fitar a cabeça da Medusa. Tinha a face toda serpenteada de veiazinhas roxas cujos cursos, confluências, estuários, embocaduras e deltas se multiplicavam no nariz a pique e nas bochechas sensíveis como dunas ao vento. Toda a superfície de sua pele era cheia de velhas cicatrizes de acne juvenil, de furúnculos e bexigas — que faziam de sua testa e queixo uma sucessão de montanhas e vales, uma teoria de picos, talveques, escarpas, encostas, ravinas, erosões, gargantas, ocos e declives. Tudo isto era cor de púrpura e reluzia da seborreia. Essa cara de apoplexia contrastava seu escarlate com o negro dos vidros do pincenê colado aos olhos, impedindo que se os visse e com a brancura dos cabelos broscarrê, do bigode de escova e da dentadura imaculada — que aparecia inteira, densa, numerosa, replicada, como se fosse de duas filas como as da queixada dos jacarés — quando ele ria de gozo, aplicando a *nota má*. Era bojudo de tronco, só usava fraque, tinha pernas curtas e pés, decerto, ultrassensíveis que justificavam que todas suas botinas fossem feitas de pano, de modo que ele dava a impressão de estar sempre de galochas. Hoje é que imagino que despotismo de colesterol, que fabulosa hipertensão! que magnífico coração-bovino! que fantásticas sufocações! — deviam afigir as madrugadas

do nosso mestre. Quando ele entrou na aula, andando sobre solas de feltro, fechado, maciço, jeito de barrica, assim feito uma calamidade silenciosa e vasta — levantamo-nos aterrados. Ele sentou pesadamente na cátedra e nós desabamos de medo nas carteiras. Escreveu, assinou. Olhou-nos por cima dos óculos, cabeça baixa, que nem touro; por baixo deles, levantando as narinas, como um hipopótamo; mudou os de vidraça preta por graduados da mesma treva, foi nos encarando um por um e desmandibulou-se num riso imenso e prenunciador de catástrofes. De repente falou horrendo e grosso. Arrepiadas as carnes e os cabelos numa tonteira, escutamos que ele era o *Tifum*. Eu sou o *Tifum* — como ócês me chamam, seus patifes! E vou varrer ócês todos, seus canalhas, seus vagabundos, seus vadios assim como tufão na face dos mares! E vai começar hoje! Não saio daqui sem fazer minha caçada e dar, pelo menos, meia dúzia de zeros! Vamos à chamada e, a seu nome, cada um levante-se para eu ficar *cónhécendo* focinho por focinho. Fez a chamada, estropiando de propósito, virando os Raimundos em Imundos, os Britos em Brutos, os Bastos em Bostas, os Morais em Imorais, os Evilazios em Evilões, os Ben vindos em Malvindos e os Boanerges em Boasmerdas. Isso no primeiro dia. Porque já no fim de duas semanas o homem sabia todos os apelidos e chamava por eles. Seu Machacaz? Presente. Seu Cagada Amarela? Presente. Boi-da-Zona? Cavalo? Foca? Presente! Presente! Presente! Mico? Totó? Saracura? Uriscacheiro? Presente! Presente! Presente! Presente! Gambá? Presente! Bund'otentote? Presente! Baçu? Virosca? Presente. Presente. Vaca-Brava? Presente!

Para retomar o fio do assunto, devo dizer que o destampatório do *Tifum* na sua aula inaugural deixou-nos consternados. Aquilo ia ser o diabo! Uma enfiada de zeros, invectivas e privações de saída até o fim do ano. A retomada daquela merda no outro período letivo, até nos vermos livres da fera no exame final. Se conseguíssemos, ai! de nós, certo fadados às reprovações em massa e a sermos aquilo que o professor dizia como se cusisse, como se escarrasse, regurgitasse, vomitasse, obrasse a palavra — repetentes. Seus repetentes!, roncava ele a dois que refaziam o primeiro ano e que tinham por isto perdido direito ao nome de batismo. Era só aquele repetente repelente até na hora da chamada. Quando convocados para as lições, para aquele suplício ao lado da mesa, éramo-lo por brados injuriosos. Passa pra cá, seu patife! Passa pra cá, seu cachorro! Ou burro, ou besta, ou mula, ou jumento, ou cavalo, ou zebra,

ou onagro. E gozava a nossa ignorância, nosso silêncio angustiado diante das vergastadas de suas perguntas. Vamos ao ponto de hoje: Paraíba. Escolhia a vítima, quase sempre o nosso Machacaz. Olhava-o primeiro longamente e depois soltava a saraiva de doestos: Ócê é forte e eu sou forte, é vermelho e eu sou vermelho, é do sul e eu sou do sul. Um dos dois tem de desabusar o outro — vamo lá — e ócê hoje vai tomar batata. Batata é como ele chamava o zero. Começava as perguntas dentro dum silêncio de entorno ao patíbulo à hora da machadada. Limites da Paraíba. Pontos extremos. Superfície. População. O Machacaz, coitado! nada e o Tifum prelibando ia agora falando com voz carinhosa: Ócê está *a quo*, meu filho, *in albis*, meu filho! Aspetto geral e clima, capital, cidades principais, rios, montanhas. Nada. O desarvorado Machacaz bem que procurava, mas só via diante dele a caatinga sem fim, um deserto enorme. Vá se sentar, seu patife! Batata. Ao vencido, a batata. Elas eram dadas com requinte e o nosso Paranhos usava para isto carimbinho especial que mandara confeccionar. E ferreteava com zeros vermelhos, roxos, pretos e azuis segundo queria aviltar mais ou menos o padecente. Deste, víamos um instante a cabeça sem sangue quando ele voltava para a carteira, depois do degolamento. Mas já o verdugo passando adiante, chamaava outro condenado favorito. Desse ele gostava de dizer o nome todo: seu Luís de *Puaci Navarro Calaça*. Vamos voltar à Paraíba. Limites... O que ele adorava era pegar a vítima desprevenida. Por exemplo — chamava numa terça. Pelos cálculos, outra chamada só viria aí por uns quinze, vinte dias depois. Não! Ele repetia o nome na quinta-feira. O zero era certo e quando a vítima ia chorando para a carteira, o Tifum sempre dizia que aquilo eram lágrimas de crocodilo. Ah! esteja cada patife prevenido, porque ninguém sabe o dia nem a hora! *Studete et vigilate* — oh! canalhas! — *quia vocaciones diem et horam nescitis!* Era terrível. Mas terrível mesmo, era nas sabatinas escritas quando o Tifum fechando as asas fendia como um dardo-falcão sobre alunos-pombas que estavam colando. Já ficávamos zonzos com sua ubiquidade no meio das carteiras, à hora das provas, desconcertados e sem defesa porque os óculos pretos não deixavam perceber a direção do seu olhar. Como ele era rápido e preciso! Arrancava nossas colas, exibia-as, pregava-nos ao pelouriinho, rasgava nossas carnes caras lombos com as chicotadas do seu escárnio. Um dia eu quase borrei de medo. Passei a *Geografia* de Lacerda e Novais para ele tomar-me a lição (o nosso mestre fazia-o pelo livro do

aluno chamado), quando o demônio do homem virando as páginas, descobriu, bem dobradinhas e em letra mínima, três de minhas bem copiadas *sanfonas*. Levantou-as, desfraldou-as, despedaçou-as e rindo, fauces arreganhadas, deu-me dois zeros, um vermelho em comportamento e um roxo em aplicação. Privação completa, seu patife! Vá se sentar! (O trabalho que davam as colas para escrever, em caracteres microscópicos; para dispor suas tiras em dois cilindros de que um enrolava e o outro desenrolava, para empilhá-las em plicaturas cujo verso terminava combinando com o anverso; as borrachas de segurança presas ao pescoço e que ao menor alerta! puxavam os corpos de delito manga da farda adentro... Mais fácil seria estudar que preparar esses laboriosos embustes. Lembrei isso, há pouco tempo, lendo uma entrevista do gângster aposentado Lucky Luciano em que ele dizia que roubar mil dólares era tão difícil como ganhar mil dólares trabalhando. Ah! mas colar era uma vertigem, uma cocaína de perigo, um eterporre de risco — era como entrar numa jaula de panteras.)

O curioso é que com estes esparramos todos o Tifum era popular. É que, com o correr do tempo, cada turma ia verificando que aquilo era trovoada seca, trovoada sem chuva e que o Paranhos era o melhor dos homens. O seu Otacílio nos contou que, depois das aulas, ele ia à secretaria para raspar quase todos os zeros das listas de aula. Só deixava os bem merecidos. Quando soubemos disto nossa estima foi crescendo, dando galho, virou ternura, para acabar feito amizade filial no fim dos dois períodos letivos que ele ministrou. Egrégio Tifum... Era ainda devê-lo quando ele se misturava aos *patifes*, no recreio, e dobrava, fazia se retorcerem de esforço-dor hércoles como o Vituca, o Xico Coelho Lisboa, o *Velho Locques*, e o Machacaz — na queda de braço, no arrocho da munheca ou no alicate da luta de torção dedo médio por dedo médio do contendor. O gaúcho velho era de ferro.

O Tifum abria continentes, dava as chaves das terras que a história universal e a história do Brasil povoariam depois. Mas antes do advento das aulas do João Ribeiro, as vozes do Mundo Antigo ecoariam nos nossos ouvidos pelo verbo do mestre de latim, o dr. Eduardo Gê Badaró, bacharel em direito, advogado no foro do Rio de Janeiro, professor do Colégio Pedro II desde 1908. Pelo Gê, diziam-no descendente de Jequitinhonha

e pelo Badaró, de Líbero Badaró. Não sei se isto tem fundamento. Mas ascendência ilustre certo ele a tinha e além do mais, mineira. Realmente era bisneto do inconfidente José Aires Gomes. Verifiquei isto estudando a genealogia da família de minha mulher e fiquei encantado quando pude me descobrir, por ela, longínquo contraparentesco com o nosso Badaró. Tratava-se de um homem de conspícuia cabeleira, bigodes pretos grisalhando, moreno claro, muito míope, alto de estatura, cheio de tronco, muito fino de pernas e dotado duns pés de anjo que podiam rivalizar com os do Álvaro Maia. Vestia-se dumas alpacas acinzentadas com que usava invariavelmente um colete transpassado de linho branco. Seus colarinhos e punhos eram esmaltados, suas gravatas suntuosas. Calçava sempre botina de amarrar, pelica amarela ou pelica preta. Gostava de dar as aulas, os alunos perto, cercando a mesa, ele em pé, um dito sobre a cadeira. Quando se lhe entreabria o paletó, vislumbrava-se na sua cinta a garrucha de que ele não se apartava. Que haveria? na sua vida, exigindo esse estado de defesa permanente. No colégio dizia-se que era por seus trabalhos no foro, de suas causas no foro, de suas lutas no foro e o Fórum da Cidade me aparecia assim como espécie de rinha, ringue, campo de peleja, arena, zona áspera de disputa e briga. Como todos os míopes ele lia encostando o livro nos olhos. Qualquer um dos numerosos que adotava, geralmente o Clintock — com que nos espichava. Ouçam bem! ouçam bem! E ele tomava do famoso tira-teimas, da antípatica gramática, esfregava-a na própria vista e sentia-se que, às vezes, tinha vontade de esfregá-la nas nossas caras, nos nossos bugalhos, nos nossos miolos. Nós odiávamos o livrinho, a capa de percalina marrom, aquelas páginas de letra miúda — que faziam o inferno dos malandros do Pedro II desde 1880, quando Lucindo Passos impusera seu uso — em substituição à *Artinha* do padre Pereira.

O Badaró começava a tomar a lição e logo, para corrigir nossas silabadas, lia ele próprio e nessa deleitura, de repente se perdia, ia continuando levado pela cadência do idioma e pela medida. Interrompia de vez em quando o período ou o verso para chamar a atenção para o caso — vejam o caso! vejam o caso! vejam a beleza do caso! Nós não entendíamos bolacha mas achávamos linda sua dicção. Ouço ainda o sussurro de sua voz macia e bem timbrada, sua ondulação expressiva, seu alteamento nas vogais sustenidas, seu calcar nas consoantes. Sílaba breve. Sílaba longa. Lá se partia o Badaró, velas soltas, prosa

afora, poema afora, falando com palavras ora angulosas *peperere*, ora curvas *insontes deinde*, ora leves *aethere in alto*, ora pesadas *perferre labores*. Aquilo era belo e incompreensível como a linguagem das missas, na infância. Entender pra quê? Quem entende? o vinho e os espíritos e os queijos e as especiarias...

*Proxima deinde tenent maesti loca, qui sibi letum
Insontes peperere manu lucemque perosi
Projecere animas. Quam vellent aethere in alto
Nunc et pauperiem et duros perferre labores!*

Nunca cheguei a aprender latim mas até hoje gosto de lê-lo, sem entender patavina da letra mas ouvindo sua música peremptória e profunda. Já era a mesma coisa, na aula. Essa era sempre na sala da Primeira, a que abria janelas sobre as navas de São Cristóvão. O Badaró começava a ler e eu instintivamente procurava infinitos, distâncias e largos. Olhava para fora, via sumir o Campo, as arquibancadas palmeiras cajazeiras tamarineiros jaqueiras — e percebia a configuração de perspectivas pontinas, de argólidas, o altear de olimpos, de extensões lacedemônias, nuvens empolando suas formas laocoontes, serpentárias taurinas aquilinas. Uma flora nova nascia — uma flora de árvores clássicas — acantos, loureiros faiais carvalhais. O mar, perto, guanabara, conaguava a egeus arquipelágicos e jônicos desérticos. Anos depois, anos e anos! experimentei sensação reversa porque no Foro Romano, na Cúria, no Palatino, em Pestum, em Segesta, na Acrocorinto, em Delfos, na Acrópole de Atenas eu misturava degraus frontões colunas traves à figura do meu Mestre chamando a atenção para o caso, olha o caso! olha a beleza do caso! a beleza de Roma! a beleza da Grécia! — à figura palástica e armada de Eduardo Gê Badaró surgindo do túmulo de Remo, galgando o Palatino, carregando aos ombros o arco de Sétimo Severo, outra coluna, ele, a nona, do Templo de Saturno, ele, ainda, palmilhando a Casa das Vestais, ele novamente permanente e sempre, parado e crescendo diante dos Propileus, estátua do Erecteion, deus tiburtino, mamertino, latino, delfíco, olímpico e helênico — entrando as portas dos Infernos e as do templo da Mãe Deméter. Foi ele que me mostrou, traduzindo César, Virgílio e Cícero, que o Tempo era alguma coisa mais que a fatia cotidiana imprensada entre passado evocado e futuro obscuro. Ah! Pois

mesmo assim divino o Badaró foi um dia alvo de minha gozação. Ousei a pilhória. Expliquei, cinicamente, minhas dificuldades para traduzir uma frase latina e que pedia seu auxílio. Qual é a frase? Soltei. *Eamus ad montem cum porribus nostris fôdere putas*. O professor olhou demoradamente para mim, manteve-se calado muito tempo e quando o riso besta caiu de minha cara e da dos colegas esperando, ele ainda me encarava. Seu olhar era de raiva não. Mais de tédio, de fartura e de cansaço. Já desconchavado, meio andré, intimidei e passei a esperar uma trovada. Assim, surpreendeu-me a explicação vinda na fala habitual. O senhor tem razão de interessar-se pela frase citada. Ela geralmente é traduzida por — *vamos ao monte com nossas enxadas cavar batatas*. Mas ao meu ver e ao do latinista Artur Rezende (que até que está preparando livro onde essa sentença vai ser comentada) ela deve ser grafada — *Eamus ad montem cum poribus nostris fodére putea* — o que quer dizer — *vamos ao monte com nossos escravos cavar poços*. Isto é que está certo, já que *por* equivalente de *puer* — menino, escravo — tem por ablativo *poribus*. Também *puta* não é batata e sim menina. A locução refere-se ao substantivo *puteum*, poço, que faz *putea* no acusativo plural. *Poribus* e não *porribus* — como pronunciam os maliciosos como o senhor. Entendeu bem? Compreendeu bem a distância de umas palavras às outras? Oh! professor, se entendi! sua explicação foi muito clara e eu fico muito obrigado. Mas o Badaró, agora sorrindo, completou: — pois então vou continuar servindo sua educação e ensinar também a distância que vai dum professor respeitável a um aluno gaiato. Sério de repente: o senhor vai ter zero em aplicação, zero em comportamento e vou pedir ao dr. Quintino duas privações de saída seguidas. Enquanto o mestre baixava os olhos para consignar as notas más, o Eurico Mendes dos Santos completou minha humilhação com formidável cacholeta.

Je mangeais d'un pâté de Chartres, qui seul ferait aimer la patrie.

ANATOLE FRANCE, *Le crime de Sylvestre Bonnard*

[...] le cassoulet de Castelnaudary, qu'il ne faut pas confondre avec le cassoulet à la mode de Carcassonne, simple gigot de mouton aux haricots. Le cassoulet de Castelnaudary contient des cuisses d'oie confites,